

# O DISCURSO FEMINISTA NO PÓS-GUERRA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE FACE EM SIMONE DE BEAUVOIR E VALÉRIE SOLANAS

Emanuely Carneiro Antunes

## RESUMO

Este trabalho discute a elaboração da imagem social das autoras feministas Simone de Beauvoir e Valerie Solanas em seus respectivos textos “A mulher independente” e “SCUM Manifesto”, sob o prisma da noção de interação abordada por Goffman (1980) em seus estudos sobre a teoria de elaboração de face. A importância do contexto em análises textuais, aspecto defendido por Koch (2005), se faz notória nesta pesquisa que busca examinar os traços socialmente construídos na utilização da linguagem.

Palavras-chave: Interação. Contexto. Imagem social. Feminismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Sendo considerado fundamental para esta pesquisa o reconhecimento mais abrangente dos aspectos comunicativos, é adequado, então, que se trabalhe a partir da perspectiva sócio-interacional da linguística, já que, contidos nela estão, além do conhecimento linguístico, os conhecimentos social e cultural, sobre a base dos quais se efetiva a interação comunicativa.

Desse modo a presente pesquisa aborda teorias que se enquadram na perspectiva da sociolinguística, justamente por considerarem aspectos extralinguísticos. Uma delas é a teoria da imagem social formulada por Goffman (1980), que trata dos padrões e sequências naturais de comportamento na perspectiva de uma sociologia de ocasiões, que compreende a relação entre os participantes e a relação da ação com o tempo em que ocorre.

Para o senso comum, o “discurso feminista” geralmente é mencionado de forma pejorativa e lhe são atribuídas características como superficialidades, agressividade, enunciação repetitiva de senso (feminista) sem profundas estratégias de argumentação, uma revolta de causas até relevantes, mas desembaçadas e desprovidas de senso de realidade.

O que acontece é que esse discurso é visto sob o conceito de *uno*, quando, na verdade, sua especificidade está vinculada ao tempo, ao espaço, aos acontecimentos e aos indivíduos. O feminismo, que provoca o discurso feminista, não é um só, não foi fundado nem sobrevive sobre uma mesma base. Questões políticas diferentes e questões sociais diferentes formaram “feminismos” diferentes que culminaram em criações humanas diversas.

Elementos como, no caso da pesquisa proposta, escritoras/ leitores, tempo, lugar e fatores sócio-culturais muito se relacionam com tudo que estrutura uma face: a relação de dependência entre interlocutores, as influências exteriores e o *frame*, a manutenção da honra e da dignidade.

## 2. DISCURSO E IMAGEM SOCIAL

As obras de ambas as autoras tratam da sociedade construída a partir da visão do sexo masculino. Apresentam, porém, direcionamentos diferentes em seus enunciados. Esses direcionamentos chamaremos, neste trabalho, de alinhamentos, os padrões de atos esperados.

Segundo Goffman (1980), toda pessoa, em contato com outros participantes, tende a assumir um padrão de atos, avaliando os participantes e a si mesma, além de levar em consideração a impressão que possivelmente formarão dela. A este padrão chamou de alinhamento.

Este primeiro momento do desenvolvimento da análise é direcionado a observação dos assuntos dos quais SB e VS tratam, das suas motivações e dos caminhos discursivos que decidem tomar. A visão Goffiniana é tomada como base na verificação de cada enunciado exibido a fim de que se ambiente a teoria de faces ao trabalho interpretativo das duas obras estudadas nesta pesquisa, *O Segundo Sexo* e o *SCUM Manifesto*.

SB e VS ocupam um lugar social feminista e suas proposições estão mergulhadas em “jogos discursivos”, que influenciam suas atitudes com o discurso. O que determina seus enunciados são as pressuposições sobre quem são seus leitores, como estão elas, as autoras, inscritas em seu meio, e sob que olhar seus leitores as vêem.

Em o *Segundo Sexo*, SB solidifica reflexões que já estão no andamento de seus estudos há algum tempo e direciona seu discurso para a imagem de um leitor político-acadêmico de esquerda, científico que é alcançado satisfatoriamente através de expressões ratificadoras do *status-quo*, desde que otimizados por uma estratégia conciliadora não radical. Tais expressões são, por exemplo, os verbos no futuro do pretérito e os termos polidos que serão observados e discutidos a partir de trechos da referida obra de SB.

Ao se referirem ao tema “trabalho”, por exemplo, VS e SB, fazem diferentes abordagens em concordância com o alinhamento que cada uma quer tomar dentro do contexto sócio-político em que se encontram. Em *O Segundo Sexo*, termo “hoje” aparece no fragmento: (1) *Em sua maioria os trabalhadores hoje não são explorados (p:450)*, e acaba por inferir um abrandamento à crítica veiculada pelo enunciado, direcionando-a não à instituição “trabalho”, mas à exploração dele.

Já no *SCUM Manifesto*, o trabalho é tomado como um fardo, como se pode verificar no seguinte trecho: *Não há razão humana para alguém trabalhar mais de dois ou três dias por semana, no máximo (p: 13)*

VS poderia ter dito simplesmente que não seria necessário que se trabalhasse mais dois ou três dias por semana, no entanto, decidiu destacar sua oposição a esta instituição, utilizando-se das expressões enfatizadoras “não há razão” e “no máximo”

Esta forma de enunciar causa efeito contrário ao abrandamento. O efeito conseguido foi o de ênfase à crítica, destacando-a, tornando-a mais óbvia, determinando um repúdio ao *status quo* e a inauguração de uma bandeira de luta.

Ainda segundo Goffman (1980), o termo face pode ser definido como valor social positivo que uma pessoa reclama para si através daquilo que os outros presumem ser seu alinhamento. Uma pessoa está na face certa quando seu valor social está integrado à linha sustentada por ela.

SB consegue manter o alinhamento esperado de uma escritora intelectual: a afirmação relativizada e polida, uma imagem construída dentro do meio acadêmico; aceita socialmente e dividida por todos; não sofreu quebra. Desta forma, seu ato é confiável, aceito e é preservada sua face, assim com postulam Brown e Levinson (1987).

Pode-se constatar tal comportamento da autora no seguinte trecho que trata da autonomia econômica e social que a mulher alcança com o trabalho: (3) *Em verdade, nada autoriza a dizer que (as mulheres) seguem um caminho errado, e, no entanto, é certo que não se acham tranquilamente instaladas em sua nova condição: não passaram ainda da metade do caminho* (p: 451).

Neste trecho pode-se observar que SB abordou as duas posições existentes quanto ao tema: uma, a das anti-feministas que consideram que o trabalho não é necessário para a emancipação da mulher, e outra, a das feministas que crêem que este é o caminho.

A autora inicia salientando que é importante que se resguarde de qualquer afirmação definitiva sem que haja dados que autorizem tal atitude. Este é um passo característico de um cientista, de alguém que deve precaver-se de impulsos em função de alcançar credibilidade e confiabilidade.

É verdade que a posição de Simone de Beauvoir se faz notável quanto a concordar com o fato da não estabilidade feminina, principalmente quando a autora utiliza-se da expressão “é certo que”. No entanto, logo em seguida, o abrandamento da afirmação aparece na suavização proporcionada pela sequência “não se acham tranquilamente instaladas” e pelo cunho de intensidade diminuída causado pela palavra “ainda”.

É sabido que o adjunto adverbial de tempo “ainda” significa “até agora; até o momento presente”, mas o uso cotidiano do vocábulo pode referir-se a

algo que está demorando a se dar, como algo que já deveria ter acontecido. Assim, a partir desse uso, SB pode deixar de afirmar claramente que as mulheres estão aquém da situação ideal, a fim de fazer uma crítica velada à atual posição delas e a seus passos lentos na luta por novos direitos.

Agindo desta forma, SB acompanha o caminho comumente exigido pela tradição acadêmica, conseguindo, assim, manter o alinhamento a que se propõe seguir.

Vejamos, agora, o caso de VS, observando o seguinte trecho do *SCUM manifesto*: (4) *Todos os trabalhos não criativos (praticamente todos os trabalhos atuais) já poderiam ter sido automatizados há muito tempo. E numa sociedade sem dinheiro as mulheres poderiam ter o melhor de tudo o que quisesses* (p.13).

Diferentemente de SB, VS faz duas afirmações sem apresentar fundamentos lógicos ou dados para tal. A primeira é de que todo trabalho não criativo poderia ser efetuado automaticamente, mas a autora não expõe de que fontes inferiu essa idéia. É possível, ainda, notar, quanto à segunda afirmação, de que as mulheres poderiam ter de tudo em uma sociedade sem dinheiro, que a autora baseou-se exclusivamente em suas crenças pessoais.

Nessa perspectiva, VS também conseguiu manter seu alinhamento, já que ruptura e crueza são o que se espera de alguém absolutamente avessa às regras sócio-institucionais. Assim, a face elaborada por VS é atribuída ao seu meio *punk* e anarquista. A confiabilidade de seu discurso não passa por todos os meios, mas é mantida sua face positiva, pois suas aspirações são, dessa forma, aceitas pelo grupo ao qual o *SCUM Manifesto* é endereçado, o das feministas extremas.

Quando uma pessoa está agindo dentro da face pretendida exprime sentimentos de confiança e segurança, mantém sua cabeça erguida e apresenta-se abertamente. Podem-se observar, no discurso de VS, esses aspectos, a partir de expressões utilizadas pela escritora, tais como “Há muito tempo”, “no máximo”, e verbos no tempo presente do indicativo, em tom de afirmação, e utilização de palavras enfáticas como providência.

A manutenção destes dois tipos extremos de construção de imagem social, a imagem acadêmica e a imagem anárquica, é possível porque a interação do sujeito com seu meio é que visa à elaboração do conceito de face. O Discroll (1996) diz que “é universal o desejo pela boa face” e que “os constituintes da boa face são culturalmente variados”. Mantendo uma ordem expressiva que regula o fluxo de eventos em conexão com os atos, o locutor mantém a face.

Quando o locutor age desta forma por cumprimento a um dever a unidades sociais amplas e recebe apoio de tais unidades, fala-se em honra. Este é o caso de SB em seu texto. Quando isto acontece por dever do locutor consigo mesmo, fala-se em orgulho, é o que faz VS em sua marginalidade.

A polidez, a afirmação relativizada presente em *O Segundo Sexo* está não no conjunto geral das idéias, mas nas estratégias discursivas de suavização dos enunciados, como se pode observar nos trechos a seguir.

(5) *Em sua maioria as trabalhadoras hoje são exploradas. A estrutura social não foi profundamente modificada pela educação da condição feminina; este mundo que sempre pertenceu aos homens conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram* (p. 450).

(6) *E talvez mesmo aceitassem alegremente a acumulação* (p.450).

A relativização dos conceitos atribuí ao intelectual, na visão de seu interlocutor, a credibilidade da observação como pesquisa, como algo em constatação. A afirmação incontida pressupõe desestabilização para esse interlocutor de *O Segundo Sexo*, mas pode significar força, personalidade e coragem para o interlocutor do *SCUM Manifesto*, já que nele destaca-se a presença do sentido de absoluto nas expressões.

(7) Não há razão humana para alguém trabalhar mais de dois ou três dias por semana, no máximo. Todos os trabalhos não criativos já poderiam ter sido automatizados há muito tempo. E numa sociedade sem dinheiro todas as mulheres poderiam ter o melhor de tudo que quisessem (p: 13)

(8) Não há razão para que uma sociedade composta de seres racionais precise de governos (p13).

Paralelamente, SB quer também, confirmando a teoria dos desejos do dualismo, apresentada por Goffman(1980), criticar a sociedade do momento, procurando, porém, a associação ao meio intelectual por utilização do discurso acadêmico e científico. VS não se esforça em dar espaço para que haja inserção, participação coletiva por consenso em seu discurso. A independência e a individualização, outro ponto do dualismo, parece ser o que busca esta autora, ao utilizar afirmações peremptórias.

Essas posições discursivas ocorrem também de acordo com o lugar a partir do qual o sujeito fala. Segundo Goffman (1980), pré-existe ao dizer algum tipo de relação social entre quem diz e os outros interessados, assim como uma expectativa da parte do enunciador quanto à relação que manterá com as outras pessoas após o dito. *O Segundo Sexo* tem seu sujeito colocado no lugar científico - acadêmico, enquanto o *SCUM Manifesto* tem seu sujeito posto no lugar da marginalidade social. O que é esperado das afirmações desses sujeitos são competências argumentativas diferentes. O lugar científico tem uma autoridade que só permanece se forem mantidas noções como base, rigor, imparcialidade emotiva. O lugar marginal não é fundado nos mesmos pressupostos, ele é a ruptura de todos eles, a emoção e o escândalo fazem parte de seu caráter.

Em *O Segundo Sexo*, SB não deseja que se rompam relações existentes entre a escritora e seus leitores. Para impedir o rompimento das relações é necessário que se evite "sair" do alinhamento esperado, já que é esta relação que levará a autora a permanecer participando dos novos eventos com esse público numa situação de dependência. Um exemplo disto está no seguinte trecho:

(9) Em alguns casos, essa ajuda lhe permitirá melhorar sua situação e conquistar uma independência verdadeira; por vezes, ao contrário ela abandonará seu ofício. Para a mulher casada, o salário, geralmente, representa apenas um complemento (p: 451).

A polidez em *O Segundo Sexo* é uma poética do silêncio que censura aquilo que não é próprio de se dizer, mas que se pressupõe na conjuntura do discurso acadêmico. As pressuposições podem trazer significados

adicionais que estão implícitos em certas expressões linguísticas e uso de tempos verbais. Tomemos outro trecho de SB:

(10) *Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade* (p:).

Neste fragmento, a utilização do verbo “conseguir” no futuro do pretérito possibilita que a autora, de forma camuflada, negue a existência da liberdade no trabalho conforme ele se apresenta. Desta forma, a autora consegue fazer uma crítica ao sistema capitalista, mantendo certo distanciamento pela indiretividade.

Também, os implícitos têm funcionalidade no discurso de SB. As inferências que podem ser sugeridas a partir do termo “ainda”, levam a uma reflexão responsável e racional sobre o tema abordado.

(11) *Este mundo que sempre pertenceu aos homens conserva, ainda, a forma que eles lhe imprimiram* (p: 450).

O sentido contido remete a contextos como a desigualdade, o preconceito, a exploração entre muitos silenciados, mas inferidos.

As relações de poder advindas da posição do sujeito de *O Segundo Sexo* produzem esses silenciamentos, mas no *SCUM Manifesto* isto muda, sendo outro o lugar do sujeito, parece que o que antes foi silenciado, aqui surge clara e agressivamente, como se pode observar nos trechos a seguir:

(12) *Todos os trabalhos não criativos (praticamente todos) já poderiam ter sido automatizados há muito tempo* (p. 13).

(13) [O homem] criou autoridades - padres, especialistas, chefes, líderes, etc - e o governo” (p. 24).

Nos trechos acima, percebe-se que o discurso afirma a negatividade do trabalho não criativo, portanto não livre, e expõe a forma social imprimida pelo homem: o governo, entre outras coisas, todas negativas do ponto de vista desse sujeito um tanto exacerbado.

É possível observar que a relação de face parte de um contrato com o meio e este acordo permeia todo o discurso no que diz respeito a estratégias tais como: o grau de polidez, implicaturas e desejos dualísticos em razão da função do alinhamento para a manutenção da face. Este fim é buscado pelo reconhecimento da dependência entre o autor e o leitor, para a permanência e participação em novos eventos. Ambas autoras alcançam este objetivo tendo em vista que partem de diferentes constituintes de boa face. Enquanto SB procura elaborar sua face de modo positivo perante uma sociedade acadêmica, utilizando para isso um discurso próximo da racionalidade, VS, ao contrário, extrapola de modo imaturo, ao utilizar afirmações absolutas sem fundamentação na realidade.

### 3. CONCLUSÃO

Pôde-se observar que, sendo SB uma autora ligada à tradição acadêmica, seu discurso tende a exigir certa delicadeza ao tratar de questões político-sociais de gênero. Assim, é comum em seus enunciados, o uso de termos atenuadores como verbos no futuro do pretérito, relativizações, polidez e implícitos. A autora assume a face de intelectual polida sem deixar de manter seu posicionamento político-socialista. Desse modo, consegue manter-se em face não decepcionando seus leitores, não só por não chocá-los ou por evitar o constrangimento deles, mas, principalmente, por seguir na crítica social a que se propõe de forma firme e confiável.

VS também alcançou a manutenção de sua face utilizando-se de estratégias linguísticas diferentes das de SB. A autora, de características próprias da radicalidade, fartou-se do uso de afirmações absolutas não fundamentadas em bases científicas ou filosóficas sólidas, mas sim em concepções próprias e subjetivas. Fez uso também de termos de cunho enfático e, por vezes, exagerados, abdicou da polidez em detrimento inclusive de xingamentos e palavrões. É possível perceber que em seu discurso afirmativo Solanas não se preocupa em formular questões que auxiliem na reflexão dos leitores acerca dos assuntos abordados, não havendo, por vezes, nem mesmo uma ligação cadenciada entre eles.

FUCHS, C. La paraphrase. Paris: Press Universitaires de France, 1982.

FUCHS, C. A paráfrase linguística. equivalência, sinonímia ou reformulação. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 8, p.129-134, 1985.

HILGERT, J. G. A paráfrase na construção do texto falado: O caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2002d, v. 6, p. 143-158.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. p.35-73.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002b.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002c.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In. MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 311-351.

PERELMAN, C. *Lógica jurídica: nova retórica*. Tradução de Virgínia K. Pupi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFORMULAÇÃO. In: MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 121-123.

RIBEIRO, N. B. *A paráfrase: uma atividade argumentativa*. 2001. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.